

Comentários sobre 2001

por Margaret Stackhouse

De todos os comentários críticos apresentados sobre 2001, o mais perspicaz foi o de Margaret Stackhouse. A coisa mais incrível é que a senhorita Stackhouse era uma estudante da escola secundária de North Plainfield (New Jersey) e tinha 15 anos quando escreveu suas reflexões sobre 2001. Numa declaração feita a Jerome Agel, ela disse que era “interessada fundamentalmente em ciências e matemática. Todavia, não desejo limitar-me quando existem tantos outros campos fascinantes a explorar: psicologia, arte, música, filosofia, história, antropologia, ciência política, literatura, educação, idiomas, etc. Eu posso decidir entrar para física nuclear ou matemática abstrata (pura), ou eu posso fazer um estudo da mente. Eu gostaria de tentar encontrar as relações, se existirem, nos níveis físico, emocional, e espiritual da mente. (Por exemplo, existe alguma base bioquímica para ‘alma’?). Meu interesse maior nesse estágio é encontrar um desafio -- somente então poderei descobrir minha identidade intelectual, social e espiritual. As pessoas mais importantes que eu conheci tem uma auto-confiança básica que lhes permitem viver a vida plenamente e prazerosamente. Este tipo de vida é meu objetivo.” A senhorita Stackhouse entrou para a Universidade de Princeton no início dos anos 70. Um correspondente de alt.movies.kubrick informou que, após ter se formado em Princeton, ela aparentemente foi para a África estudar antropologia...

As reflexões da senhorita Stackhouse sobre 2001 foram enviadas a Kubrick por David Alpert, do departamento de ciências da escola secundária North Plainfield. Depois de ler seus comentários, Kubrick afirmou o seguinte:

“As especulações de Margaret Stackhouse sobre o filme são talvez as mais inteligentes que li em qualquer parte, e eu estou, de fato, incluindo todas as revistas e artigos que apareceram sobre o filme e as muitas centenas de cartas que recebi. Que inteligência de primeira ordem!”

O que se segue é o texto do comentário da senhorita Stackhouse...

- I. O monolito - fonte de infinito conhecimento e inteligência
 - A. A perfeição representada em sua forma; sua cor – preto – poderia simbolizar:
 1. Mal e morte, as quais resultam do mau uso do conhecimento;
 2. O incompreensível – o homem, com seus sentidos limitados, não pode compreender a ausência (preto absoluto) de cor ou luz.
 - B. Sua primeira aparição.
 1. O filme implica que a vida atingiu o estágio quando ela está pronta para inspiração, uma dádiva divina, talvez. [É interessante que os macacos estão na expectativa, aguardando alguma coisa.]
 2. Talvez os macacos se tornem homens quando esta inspiração é dada. [Pergunta: É o homem realmente uma entidade separada, com algo (alma?) que nenhuma outra forma de vida possui, ou a diferença é meramente em quantidade (mais do que qualidade) de inteligência? A evolução é gradual e contínua ou em níveis definidos? Pode a diferença em quantidade tornar de fato esta diferença em qualidade?]
 3. A inspiração é dada:
 - a) Quando homens (macacos) precisam dela; ou,
 - b) Quando eles a buscam; ou,
 - c) Num capricho da força concedendo a dádiva; ou,
 - d) Em várias combinações destes três.
 4. O propósito da dádiva pode ser o de permitir ao homem criar forças que sustentem sua vida. [Neste “ciclo”, ele cria unicamente morte; interessante – morte da morte (ossos).]
 5. Seu desaparecimento (depois da fabricação da arma) – Razões:
 - a) É levada de volta em para castigar o mau uso do conhecimento; ou,
 - b) Não foi mais procurada – (homens) macacos agora consideram-se a si mesmos mestres e tentam continuar com suas próprias energias após o impulso inicial. Talvez o monolito estivesse

- sempre presente, mas invisível para aqueles que não desejam vê-lo ou para aqueles que ele não deseja mostrar-se; ou,
- c) Ele foi levado de volta pela força que o havia dado, para prevenir um conhecimento mortal de tudo.
- C. Sua segunda aparição (na Lua).
1. Razões para o aparecimento:
 - a) O homem está subconscientemente buscando-o novamente; ou,
 - b) É necessário lembrá-lo de sua insignificância; ou,
 - c) Ele é dado como uma nova oportunidade para criar uma existência significativa para a humanidade.
 2. Homens na Lua tocam o monolito do mesmo jeito que os macacos o fizeram – isto indica que não houve uma mudança fundamental na natureza humana. Então, depois de tocá-lo, eles tem a audácia de tentar tirar uma foto – ainda vaidosos, ainda carecendo da compreensão da dádiva.
 3. Da Lua, há um forte campo magnético dirigido para Júpiter (este é onde o homem irá em seguida). Isto indica que o homem irá ainda falhar e precisará novamente do monolito quando atingir o próximo estágio da exploração. O monolito está sempre além do alcance humano – o homem ainda está voltado para a morte.
 4. É irônico que aqueles homens na Lua acreditem que o monolito foi feito por uma civilização mais avançada. Isto, para eles, é definitivo – não podem compreender que alguma coisa possa estar acima do nível dos mortais.
- D. O monolito é infinito.
1. Depois que HAL é feito, o homem mostra que uma vez mais ele refugou, através da ignorância e presunção, tirar proveito da oportunidade de obter inteligência super-humana. Talvez o sistema esteja diminuindo sua velocidade e é impossível para o homem seguir mais longe com suas próprias energias.
 2. Agora lhe é dada outra chance – o monolito mostra-lhe o infinito, o conhecimento perfeito, e o início do universo, mas ele não pode compreendê-lo. As razões para sua existência mostram tudo isso:
 - a) Ele pode ser verdadeiramente outra chance para o homem; ou,
 - b) Ele pode ter previamente determinado que o homem deve morrer [talvez todas as pessoas evidenciem o pleno conhecimento ao morrer]; ou,
 - c) Talvez o pleno conhecimento (representado pelo monolito) esteja sempre presente, mas nossa compreensão dele será sempre imperfeito.
- II. HAL
- A. Ele é o mal, mas somente porque reflete a natureza humana.
 - B. Sua preocupação sobre a missão implica que mesmo o elevado desenvolvimento da inteligência humana é imperfeito em capacidade de compreensão.
 - C. O homem, tentando progredir independentemente da ajuda divina, intenta, tanto consciente quanto inconscientemente, criar vida na forma de HAL. Isto não é permitido. O homem está alcançando, ou sendo forçado a alcançar, um limite em sua capacidade de prosseguir mais além.
 - D. Razões para a falha de HAL:
 1. O eterno erro humano mais uma vez em evidência; ou,
 2. Isto pode ser uma punição divina; ou,
 3. Deus não permite ao homem tornar-se subordinado de suas próprias tolas criações.
 - E. O fato de que o homem possa dominar o mal em HAL é otimista; contudo, para fazer isto ele deve destruir HAL, que está próximo de ser uma criatura viva – novamente, o tema da morte, futilidade.
[Isto e trivialidade são vistos na “canção” de HAL.]
- III. A sala (no fim) da morte.
- A. Ela é elegante, talvez para mostrar as realizações culturais do homem, mas é estéril e silenciosa – nada tem significado sem o espírito do monolito. Este é o

universo do homem, que lhe é supostamente familiar, mas mesmo isto é hostil para ele.

- B. A sala poderia representar:
1. Tudo o que o homem pode compreender (finito) do infinito. Mesmo neste espaço limitado, ele está confuso; ou,
 2. A história cultural do homem, quando os homens relembram seu passado antes de morrer; ou,
 3. As ninharias pelas quais ele abre mão do monolito (depois, na morte, ele compreende sua necessidade dele); ou,
 4. Um lembrete do fracasso humano em recorrer ao passado – ele pode conter mais sabedoria do que o presente. [Os macacos responderam melhor ao monolito do que o homem moderno – a raça está vagorosamente degenerando.]
- C. Nesta sala, o homem deve morrer, porque:
1. Ele atingiu seu limite; ou,
 2. Ele falhou em demasia; ou,
 3. Foi-lhe mostrado o infinito.
- D. Pergunta: É a morte (sucendendo a degeneração) inevitável depois de ter sido mostrado todo conhecimento, ou é esta experiência uma outra oportunidade para o aperfeiçoamento? Então, quando o homem retorna às insignificâncias, talvez este seja o ponto de ruptura, o fim das suas oportunidades.
- E. Talvez ele saiba o que está acontecendo a ele mas é incapaz de mudá-lo. As mudanças no homem podem ser uma visão mostrada a ele como castigo, ou elas podem meramente representar os vários estágios na vida de um homem ou de todos os homens.

IV. Os temas

- A. Animalismo e falhas humanas
1. Por todo o filme, há um comer constante, feito para parecer revoltante; também, exercícios físicos, lutas.
 2. No fim, a taça é quebrada. Isto pode significar que as falhas do homem continuarão para sempre.
 3. Natureza animal e presunção permanecem os mesmos do princípio ao fim. Nunca haverá algum progresso real? O monolito é sempre visto com o nascer do sol e o crescente. Quando visto pela primeira vez, isto era um símbolo de esperança, de um princípio; mas o sol nunca está de qualquer modo mais alto exceto quando ao homem é mostrado o infinito. Este último fato pode simbolizar a esperança de que, apesar de todas as suas falhas passadas, o homem finalmente se elevará sobre o animalismo; ou isso pode meramente representar o conhecimento perfeito que ele não pode compreender.
 4. Há um equilíbrio delicado entre o animal e a natureza divina no homem. Nunca nos será permitido ir além de um certo ponto (como indivíduos e como raça).
- B. Futilidade
1. Ela é mostrada:
 - a) No resgate e na subsequente soltura de Frank (depois do esforço para pegá-lo);
 - b) Na conversa sem sentido – “Pessoas conversando sem falar.”
 2. Tudo o que fazemos é em vão? Cada pessoa certamente morre sem alcançar todo o conhecimento. Irá nossa raça (história) também terminar e começar novamente, continuamente, sem nunca fazer progresso?
- C. Se o filme é terrivelmente pessimista ou otimista depende da resposta à pergunta, “O homem no fim representa simplesmente o nosso ‘ciclo’ ou todos os ‘ciclos’ pela eternidade?”
1. Pessimista: O homem pode nunca se tornar mais “divino” – todas as chances para renascer podem ser meramente uma gozação. Ironia – não importa quanto o homem arruine sua vida, oportunidades de melhoria sempre são dadas. Visto que ele provavelmente continuará arruinando sua vida pela eternidade, isto pode ser o cruel atormentador de algum deus caprichoso.

2. Otimista: O precedente é impossível de acreditar se alguém admite que há alguma força doadora e sustentadora de vida no universo que é a fonte do bem absoluto. Com esta crença, só podemos esperar que algum dia o homem será capaz de usar a inspiração divina que lhe é ofertada para propagar forças sustentadoras da vida. Provavelmente ele nunca será capaz de entender mais, mas ele usará seu conhecimento melhor. O sol nascente, fetos, etc, parecem indicar esta esperança. Também, parece que a despeito da estupidez humana, novas oportunidades para se tornar sublime são sempre dadas. Algum dia, talvez, o homem será capaz de aprender que ele não pode verdadeiramente “viver” a menos que ele aceite a dádiva, na forma do monolito, que requer a subjugação humana a uma força divina. Então, ele não necessitará criar, e experimentar, somente a morte.